



## O “mêdo,” do Monte Ruivo

### I

**T**INHAM morrido havia muito os últimos raios vermelhos do sol, num esmaecer suave, como se o negro-azul da noite os tivesse absorvido lentamente na sua massa densa e homogênea. O dia fôra abrasador; um genuíno dia de julho alentejano.

Na rua do monte já se encontravam reunidos todos os trabalhadores,—creados e maltêzes,—que pouco a pouco haviam chegado para a ceia; e na eira, a uns duzentos passos, ouvia-se a voz do feitôr.

Bruscamente, o *Tiçã* e o *Estafeta*, os dois cães de guarda do monte, ergueram-se, ladrando a um ruído de passos vindo da banda dos montados; e logo não distantes ladros lhes responderam; e logo os trabalhadores a gritarem: «Eh! canzoada! Eh! seus diabos! Vá de bulhas!»

O *Tejo*, o *Gavião* e o *Raio* surgiram em breve, ladrando furiosos: eram os cães dos pastôres e do boieiro, cujas vozes se distinguiram já perto, a bradarem aos seus, como os trabalhadores aos do monte: «Eh! almas do diabo! Eh! canzoada!»

Era a mesma scena todas as noites.

—Salve-os Deus!—diziam quasi a um tempo os pastôres e o boieiro, ao chegarem á rua do monte.

—Bôa noite!—respondiam os trabalhadores.

E, sem mais, começavam de entrar na casa do alpendre, tomando os seus logares na longa mēza de pedra em frente da lareira, na qual fumegavam as púcara de barro preto sobre a lēnha de azinho.

Como de costume, a velha caseira Anna procedeu á distribuição, ajudada pela filha: as púcara maiores eram dos que não se sujeitavam á comida fornecida pelo patrão, e que do seu bolso a pagavam á caseira; as mais pequenas eram as dos outros, principalmente dos maltêzes,—gente sem eira nem leira, que apparece pelos montes nas épocas de trabalho, que ninguem sabe ao certo donde vem, para onde vae, se voltará ou não no anno próximo; do norte muitos delles; da raia alguns; mal vistos todos.

Estalaram as molas das navalhas, foram cortados os pedaços de pão, e abeberados na ôlha. Sob o tecto de tēlha assente em velhas traves de castanho, á frouxa luz das candeias, os trabalhadores ceavam em silencio, naquella recolhimento em que há o que quer que seja sôffrego,

honesto e conscio do dever cumprido, que os assemēlha a nobres animaes, rudes, mas pensantes.

Junto á lareira, a Elisa,—os dezoito annos mais bellos daquellas duas légoas em redondo,—filha da senhōra Anna, aqueitava a ceia das duas para quando os trabalhadores acabassem e saíssem.

Ainda não chegára o momento da tagarellice, quando se ouviu lá fôra o ladrar do *Gavião*, um ladrar forte, raivoso, pertináz, como é sempre o do cão de campo contra o mendigo, mercê de um instincto cruel, que até nos animaes existe.

—E' a nhōra Estrudes!—disse uma voz.

—Inda agora!—resmungou alguem.

Um rapáz moreno, baixo e espadaúdo, farto cabēllo negro e enca-racollado sob o chapéo de aba larga, ergueu-se da mēza e dirigiu-se para a porta, levando comsigo o pão e a sua púcara, das mais pequenas: era um maltêz.

Mas ainda elle não saíra, quando alguem regougou:

—Tarde vem hoje a bruxa!

O rapáz estacou á porta; berrou primeiro ao cão:—Eh! *Gavião*! Eh! excommungado, que te arrinco a língua!—Depois, retrocedendo alguns passos, parou á cabeceira da mēza, e, quasi no mesmo tom:

—Que é lá isso de bruxa, ó gentes?

Ninguem respondeu.

—Não ouvis o que aprégunto?—insistiu com os olhos brilhantes, e os cantos dos lábios retraídos numa expressão felina.—Quem falou p'r'áhi de bruxa?

Alguns olhares indiscretos dirigiram-se para o extrêmo oppôsto da mēza; a senhōra Anna largou, receosa, a cadeirinha em que se assentára perto do poial das quartas; e a loira cabeça de Elisa surgiu de sôb a cortina da lareira, trazendo no rôsto a mais intensa pallidêz.

Apóz curtos instantes, alguem disse rudemente, sem se levantar, sem mesmo erguer a cabeça:

—Fui eu, sôr Thiago.

—E donde le vem o sup'riór de chamar bruxa á minha mãe?—interrogou decidido o maltêz, depondo na mēza o pão e a púcara.

—Vomecê desculpe. Julguei que já tinha saído.

—Não sai, não. Mas se vomecê quer sair comigo, é p'ra já, sôr Lúcio!

Levantaram-se então os mais velhos. Que estivessem quêdos, que



não houvera escândola, que já se pedira desculpa. Lúcio, que se erguera á provocação, fitava serenamente o maltêz. Era o afilhado do feitôr, rapáz de vinte annos, alto e robusto, de cabêllos fulvos, têz clara, olhar penetrante e leal. Junto delle, puxando-lhe pela manga da jaquêta, e com a expressão da mais cruciante angústia, Elisa murmurava-lhe súplicas de quietação.

Bêas ou más fossem as razões dos que cercaram o maltêz, este pegou novamente no pão e na púcara, e dirigiu-se para a porta, resmungando ao sair:

— Cá me fica, inté á primeira!

E a sua cólera expandiu-se num pontapé vibrado no *Tejo*, que se deitára ao comprido na soleira, e que fugiu, ganindo dolorosamente.

Atravessou a rua do monte, soltou uma praga ao *Gavião*, que ros-nava ainda, e foi até á cira ajuntar-se a um vulto, que ali o aguardava. Sentou-se-lhe ao lado, partiu metade do pão, e passou-lha para as mãos com a púcara, dizendo:

— Côma, côma. Eu já cá tenho ávondo.

— P'ra que eu não me enfade em cuidados. — E depois de curta pausa, completando inconscientemente a causa dos seus receios: — Aquella d'honte á noite!...

— O' môça, nem que o home cõma gente! — observou, fanfarrão.

— Não voltes a chamar bruxa á pobre velha.

— Se todos lo chamam...

— Não na cara do filho, que é maltêz, de más idéas e capáz de peores feitos.

— Mas se eu não via o raio do home! — exclamou, a justificar-se sinceramente.

— E' que... há ainda uma coisa que tu não sabes, meu Lúcio... — avançou a custo.

— Intão que é?

Os seus olhos leaes encontraram os della, que logo os abaixou, confusa, enleada. E rematou, pressurosa, como arrependida do que dissera:

— Ao depois saberás. Vae, que é quasi sol fóra, e a mãe já me bradou. Vem prestes, ouves? A' noite falaremos.

E sem lhe dar tempo a mais perguntas, sorriu, atirou-lhe um beijo com as pontas dos dê-dos, recolheu-se, e cerrou os batentes. Triste sorriso aquelle, que logo em amarga expressão se transformou! A sós no seu quarto de donzella, em frente da cômoda onde ardia a lamparina que alumia-va uma antiga imagem da Virgem, os lábios, que haviam sorrido, balbuciaram trémulos uma *Salvé-Rainha*, como se a crença fosse a única fôrça daquella alma simples em corpo débil.

Lúcio... Lúcio não ficára já bem dispôsto. Sem saber porquê, as misteriosas palavras da noiva haviam-lhe deixado no espirito rude, mas sincero e bemformado, uma impressão de vago receio, que não o abandonou em todo o dia.

... Sempre pensativo, pôz-se a caminho para a volta; e foi com o coração oppresso por negro presentimento que deixou a estrada real para entrar na herdade por uma das extrêmas, já mal enxergando lá ao longe o caio do Monte Ruivo: era quasi lusco-fusco. A' preocupação dominante ajuntavam-se então o isolamento e o cair da noite, que mais funda a tornavam, pois determinam

sempre um mal-estar invencível no homem do campo, medroso de seu natural, e cheio de superstições.

Seguiu pelo caminho de pé pôsto, serpeante por entre montados de azinheiros e sobreiros, e que subia aqui um pouco para descer acolá, ora bordado de estêvas e giéstas, nas «fôlhas sujas», ora mal se distinguindo dos terrenos adjacentes, nas «fôlhas limpas», onde a cortiça melhor medrava, e onde as lêbres costumavam dormir a sêsta. Da albufeira não distante vinha o cantar das lucas, monótono e plangente, como soluços; já raras cotovias soltavam o seu adeus cristallino ao dia moribundo.

Deteve-se, resfolegou, alimpou do suor a fronte e a tira do chapéo. Mêdo?

Para o homem do campo naquellas paragens, o mêdo não é propriamente covardia. «Mêdo» é o sobrenatural, o que se teme e respeita, sem se saber o que seja: — lobishomens, almas penadas, fantasmas, bruxas, que, invisíveis de dia, hão de forçosamente povoar aquellas solidões durante a noite, para conversarem com os noitibós, com os môchos e as corujas. Coisas que jámais foram vistas por quem as conta, mas que devem existir, porque o filho assim o ouve afirmar ao pae, que o ouviu afirmar ao avô, que por sua vêz recolhera as horrificas narrativas por via da tradição.

Arrimado ao varapáo, com o chapéo descaído para a frente, o nosso caminheiro parecia não ter fôrças para erguer do chão o olhar. De mais, ia passar dali a pouco pela albufeira, donde se avistavam, mes-



— E donde le vem o sup'riór de chamar bruxa á minha mãe? — interrogou decidido o maltêz, depondo na mēza o pão e a púcara.

## II

Debruçada do peitoril da janella do seu quarto, Elisa olhava anxiosamente para os lados da casa do feitôr. As cotovias já cantavam, e a mãe já por ella chamára, para que fosse ajudal-a na cosedura do pão.

No seu delicado rôsto havia a indelevel marca de uma noite passada em claro; e pela maneira como o busto gracioso se apoiava ao peitoril, numa lassidão enorme, fácil era concluir que o repouso no leito não annullára o quebramento do espirito.

Até que Lúcio appareceu, risonho, bem dispôsto. Envergára o fato domingueiro, brandira o varapáo ferrado de metal, dos dias solemnes; e era talvez esta circumstancia que lhe dava um ar ainda mais desempenado.

Avançou logo para a janella, e ergueu-se nos bicos dos pés para beijar a face da noiva, que, sorrindo, não se esquivou áquella carícia já quasi lícita, e que logo inquiriu, curiosa:

— Aonde vás tão preparado?

— A Evora-Monte, á do pae do nhôr padrinho, com um mandado delle. Ao depois á do morgado de Têr, p'r'ajuste de uns porcos. Antes da noite estou de volta.

— Ai, Lúcio, não venhas tarde.

— Por via dalgum mêdo? — E sorriu, bonacheirão.







mo de noite, os ciprestes do cemitério da freguezia. Elisa, o maltêz, a «bruxa» e a scena da véspera mais se lhe baralhavam no cérebro escandecido.

Resmungou: «Maldita bruxa!» E entrou de recapitular a maneira como as duas creaturas appareceram no monte. — «Fôra no anno anterior, pela ceifa. Elle offereceu-se. Da velha nem falou. Tambem para que serviria ella, encarquilhada, quasi dobrada ao meio? Disse que eram da Beira. Seriam? O certo é que ficaram. Taciturno e mal-acamaradado, Thiago era todavia um bom trabalhador. A velha dormia ao lado delle na eira. Pela manhã, abalava, a pedir esmola pelos montes. Voltava á noite com o que tinha alcançado: pão ou dinheiro. O filho repartia com ella a ceia. No dia seguinte, a mesma coisa. — Findos os trabalhos, partiram. «Para a sua casa», disse elle. Qual casa? Tinham lá casa! Se a tivessem, para que andaria a velha agarrada ao filho? — Nunca foram vistos a conversar. Tambem, se a velha quasi não falava!...»

De todo este mistério, — que era, afinal, a mais verdadeira e evidente miséria, — o chamarem-lhe bruxa.

E Lúcio proseguia: — «Ciganos, talvez; ou judeus, descendentes dos que mataram Nosso Senhor. Em todo o caso, bruxa! Não havia dúvida! — E naquelle anno tinham voltado. O nhêr padrinho não achára razão para recusar o maltêz. E elles lá estavam, os excommungados, começando de tornarem-se incommodativos.»

A albufeira já vinha próxima. E o lusco-fusco a aumentar... Ma-

— Vomecê está doido, ou pôz na sua imaginação que eu sou home p'ra m'acobardar diente duma escopêta?

— P'ra que chamastes bruxa á minha mãe?

— Ai! voltemos á d'honte? Isso é vinho, home! Deixe-me passar. Vá-se com Deus.

— Tu é que vás pagal-as todas!

— Todas?! Mas quaes todas, seu maltêz?

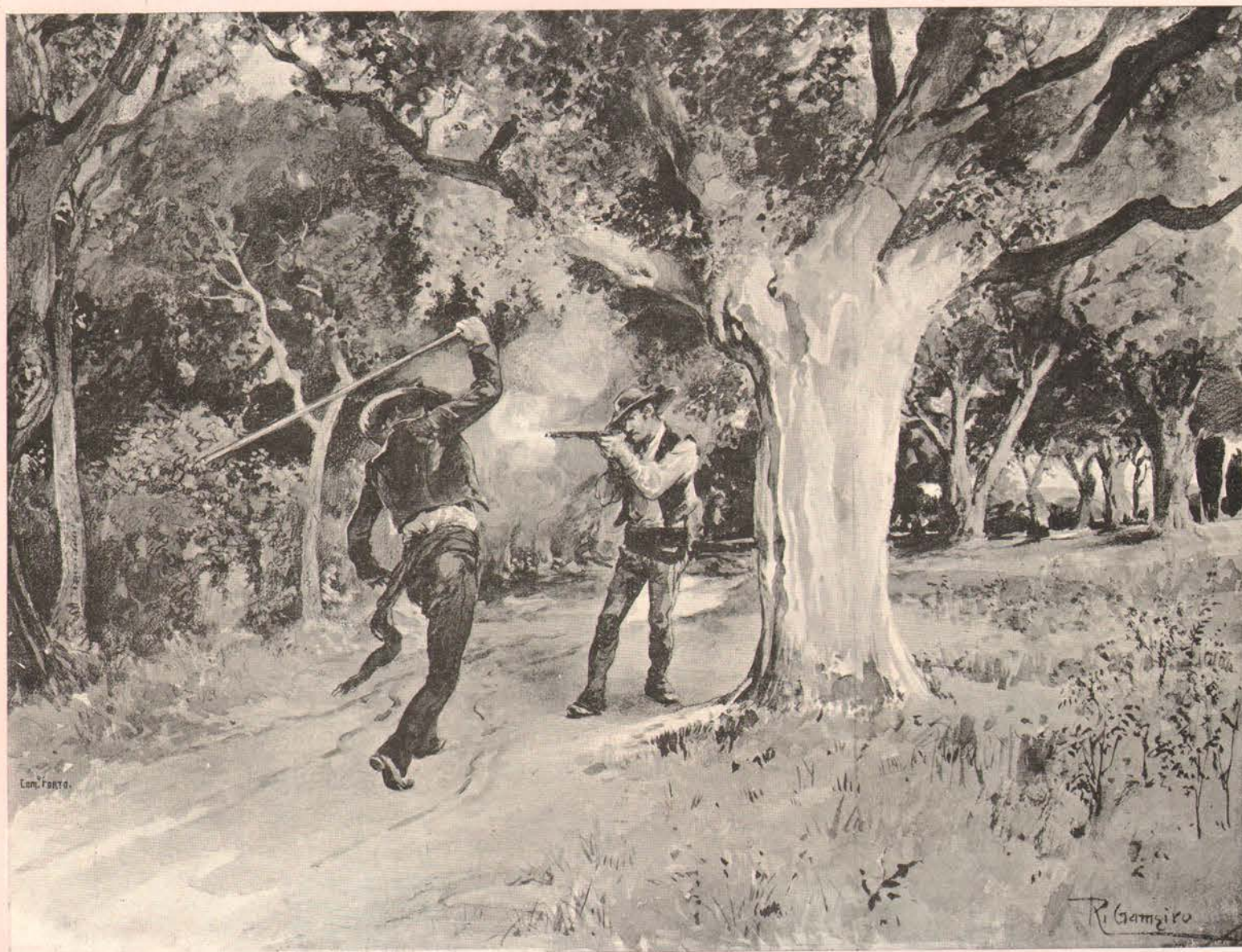
— Anda em um anno que eu te botei praga!... e tu inda chamas bruxa á minha mãe! — exclamava Thiago, espumando rancôr.

— Anda em um anno?...

— Não quero que cases com a môça, ouves? Não quero! — E por entre dentes, como num estribilho: — E tu inda chamas bruxa á minha mãe!...

— Não queres...? Essa agora!... — E soltou uma gargalhada irónica, que acabou porém meio-estrangulada, porque, num relampago, Lúcio comprehendera tudo: — «Thiago requestára Elisa, que discretamente o repellira, e que de tal requesto guardára segredo para evitar contendas. No ressentimento da offensa da véspera havia portanto um pretexto, o rastilho para uma explosão de vingança.» — O sangue affluia-lhe ao rôsto, o amor aumentou a coragem e a decidida energia.

— Ah! sim! Pois, seu maltêz do inferno, ou abre caminho, ou abro-le eu o toutiço de meio a meio! — E fazendo girar o varapão em tórno da cabeça, foi avançando, a peito descoberto.



— Atire, seu alma do diabo! Atire, que encontra um home!

quinalmente, puxára mais o chapéo para os olhos. Aquelles ciprestes a apontarem como dedos para o céu...

— Alto ahí! — berrou uma voz possante.

Lúcio deu um pulo para trás e pôz-se em guarda, exclamando:

— Valha-me Nossa Senhora!

Na sua frente, a uns vinte passos, um vulto d'homem acabára de surgir de trás de um azinheiro. Promptamente refeito do susto, ao vê-se a contas com creatura humana, Lúcio não tardou em reconhecer o maltêz. Enguliu em secco; e, firmando a voz:

— Que bicho le mordeu, sôr Thiago? Ora não esteja com aquellas, e deixe seguir quem vae! — E fêz menção de avançar.

— Alto ahí, já disse! — insistiu o outro soerguendo uma espingarda, que Lúcio logo viu pela fôrma ser a do padrinho: comprida, de um canno só; não havia outra lá no monte.

— Alto! alto! alto! — dizia o outro, recuando.

— Atire, seu alma do diabo! Atire, que encontra um home!

Até que o tiro partiu.

Por momentos, Lúcio julgou-se morto. O varapão descaiu-lhe; a elle se arrimou, resfolegando. Na sua frente, o maltêz permanecia immovel, como fulminado pela surpreza, elle que julgára ter fulminado o seu rival. Mas Lúcio, recobrando ânimo, não se sentindo sequer ferido, de novo se aprestou para o ataque, avançando rápido.

— Atire lá outro, se é capaz! Não arrecues, covarde!

Thiago ainda aparou na corôinha alguns golpes, até que, exanime, reconhecendo-se impotente perante aquella fúria allucinada, deitou a correr através dos montados, largando no chão a arma.

... Quando Lúcio chegou perto do monte, de espingarda ao hombro, no andar vagaroso de pessoa descuidosa, Elisa, que tinha ouvido a



detonação e ficára numa angústia lancinante, aguardava-o meio-occulta junto ao curral das vacas, e mal poudo reprimir um grito de alegria, ao vê-lo são e salvo.

— Sabias intão?... — foram as únicas palavras delle, estreitando-a ao peito.

— Adivinhei do que seria capáz aquelle home... — E accrescentou, balbuciando como envergonhada: — Vi-o ir buscar de manhã, ás escondidas, a escopêta á do teu padrinho, e vae eu, quando elle dormia a sésta, tirei-le de dentro della o chumbo todo.

— Como eu te quero, meu bem! — exclamou, commovido, estreitando-a ainda mais e beijando-a na testa.

— E o home?... — perguntou ella, receosa de que o seu noivo se houvesse manchado num homicídio.

— Ah! não te dê cuidado. Vive, e não voltará. Não, que a África...

Pelo caminho até ao monte, concertaram na maneira de guardar sêgrêdo ácêrca do occorrido, para evitar as más línguas, que poderiam enxovalhar a honestidade de Elisa e a honra do seu noivo.

Eis porque, ao entrar em casa, as primeiras palavras de Lúcio foram:

— Aqui le trago a sua escopêta, nhôr padrinho, que tinha levado comigo. Atirei agora a uma lébre, mas a velhaca fugiu com mais saúde, e com quantos pés Nosso Senhor le deu!

### III

O velho relógio da casa do alpendre acabava de bater as déz da noite, uma noite gélida e chuvosa de dezembro.

Na casa de entrada, um quadro enternecedôr: — sobre dois bancos de pinho um caixão, e nelle o cadáver de uma octogenária, da «bruxa». Em volta, ajoelhados e velando, Elisa, o seu marido, a senhõra Anna, o feitôr e a mulher, e um dos mais velhos creados do monte. Alumiado por dois cirios, que ladeavam um tósco crucifixo, o rôsto da morta parecia não causar ás piedosas creaturas a repulsão, que em vida a tornára abominavel.

Que se passára? — Dois dias depois do brusco e inexplicavel desaparecimento do maltêz, a velha, que não dormira a clamar por elle como doida, na eira, caiu prostrada com uma congestão. Carinhosamente, Elisa recolhera-a; e com dedicação tratára della na longa enfermidade até ao derradeiro suspiro. Nem o alvoroço do casamento conseguira esmaecer no seu peito a piedade christã. E quando, ao comêço, Lúcio achava em demasia taes cuidados, ella apenas murmurava: — «Tambem temos mãe... Tambem temos mãe...» E o bom coração de Lúcio acabou por compreender e concordar.

Só isto, em toda a sua nudêz, sem os atavíos sentimentaes com que a civilisação engrinalda as boas acções, e que a gente do campo não conhece, talvez porque sente mais á larga, na profundêza da sua alma simples.

Resavam pois, para que a alma da pobre velha subisse em descanso á presença do Creadôr; e aos murmúrios de seus lábios parecia ajuntar-se, como lágrimas misteriosas, o murmúrio da chuva que lá fóra tomava dos beiraes, cadenciadamente.

Quando, não distante, os cães do monte começaram de ladrar. — «Gente que passa na estrada, a caminho da freguezia...» — pensaram. Mas não; os ladros, que a princípio aumentaram de intensidade, foram-se approximando, á medida que abrandavam. — «Alguem da casa que recolhe ao monte. Mas quem será a esta hora?»

Ouviram-se duas argoladas suaves na porta da casa do alpendre. Entreolharam-se, admirados e receosos. O feitôr ergueu-se resolute, pegou numa candeia, e foi ao postigo.

— Quem está ahí?

— Gente de páz, nhôr feitôr.

Todos se puzeram de pé, ao som daquella vóz. Elisa avançou, serenamente; e, detendo com um gesto o marido, que ia puxal-a a si:

— Abra, meu padrinho, abra!

E Thiago entrou.

Sem a menor sombra de surprêza, como se alguém o houvesse avisado do occorrido, — talvez um pressentimento... — quedou-se em frente do caixão, com o chapéo nas mãos, o olhar cheio de lágrimas silenciosas cravado no rôsto da mãe. Depois ajoelhou; resou a meia-vóz um Padre-Nosso e uma Avé-Maria; beijou a fronte do cadáver; e ficou a fital-o por longo tempo. Enxugou os olhos á manga do capote, ergueu-se, buscou Elisa, para quem se dirigiu, e estendeu-lhe a mão, que ella não recusou. Dir-se-ia que elle tinha pensado em beijar-lha, mas que se acanhára.

— Obrigado... — disse apenas.

Depois, junto da porta, parando em frente de Lúcio:

— Queira perdoar... Deus les pague... Deus les pague tudo.

Tendo despedido ao cadáver o último adeus, encaminhou-se para a saída, desaparecendo no escuro.

E nunca mais tornaram a vê-lo.

Ora todos os annos, quando vinha aquella noite, o *Gavião*, que costumava ficar com os bois na arribana, para as bandas da albufeira, ladrava furiosamente; e os cães do monte, decorrida cêrca de meia hora, começavam tambem de ladrar, com intensidade a princípio, mas com mais brandura á medida que se approximavam... E até havia quem, de uma vêz, tivesse visto um vulto. Outra circumstancia concorria a avolumar a superstição: — no dia seguinte, era certo o sacristão da freguezia ir encontrar na sepultura da «bruxa» um raminho de goivos, perfeitamente igual ao que tambem era encontrado na janella do quarto de Elisa.

E diziam que o «mêdo» do Monte Ruivo era a alma da «bruxa», que assim pagava os beneficios recebidos em vida.

Até que veio um anno em que os goivos não tornaram a apparecer...

AUGUSTO DE LACERDA.

